

SANTA MARINHA DE LODARES EM 1758: memória paroquial, toponímia e património

A freguesia de Lodares abarca um território que já na Alta Idade Média mostrava evidências claras de povoamento e de um certo nível de organização comunitária. Os testemunhos extraídos da toponímia permitem acreditar esta posição, juntando-se a elementos documentais do século XI que demonstram uma ocupação estável baseada na estruturação territorial, agrária e socioeconómica das *villae*. Poucas terras lograram afirmar-se como origem de uma linhagem medieval da nobreza portuguesa. Em Lodares esteve implantada a *quintã* e *honra* dos Leitões, assim chamados devido à alcunha de um dos seus próceres – Martim Peres *Leitom*, que viveu no século XIII. Usando as Memórias Paroquiais de 1758 como estímulo, vamos focar algumas questões históricas relacionadas com esta terra e o seu quotidiano.



1. LODARES - A PARÓQUIA E A SUA IGREJA

1.1. A Paróquia

A documentação mais antiga que se conhece para o território que atualmente demarca a paróquia e freguesia de Lodaes recua aos meados do século XI, mais precisamente ao ano de 1059, momento em que foi realizado o inventário de bens do mosteiro de Guimarães. Este cenóbio pré-beneditino, fundado e dotado pela condessa Mumadona Dias cerca de um século antes, constituiu uma referência pastoral para as populações de uma vasta região, que ainda não se estruturava numa rede paroquial operante.

Neste pressuposto, as referências a Lodaes resumem-se à identificação de topónimos que designavam propriedades rústicas de dimensão considerável (*villas*) pertencentes ao património do mosteiro vimaranense e, muito provavelmente, sob a sua influência religiosa, mas sem que se mencione a existência de igrejas (*ecclesia*). Neste caso, o que surge é apenas o topónimo *Lodaes* em relação de proximidade com a *villa pausada* (Pousada), estando todo o lugar na posse do referido mosteiro. Nesta esfera de influência, parcialmente incorporado nos bens do mosteiro, ou seu foreiro, encontrava-se outra *villa* situada entre o *rivulo sausela* (rio Mezio) e o lugar de Sequeiros¹.

Estas unidades denominadas *villas* compunham-se de terrenos com diferentes vocações, em que predominariam as áreas de pastagem, culturas de sequeiro e silvo-florestal, reservando-se uma área para algumas dependências de apoio agrícola (celeiros, eiras, abrigos), assim como para residência dos senhores e para as casas do pessoal subordinado envolvido nos trabalhos rurais. A família dos senhores, caso residissem aí, juntamente com as famílias dos trabalhadores dependentes, facilmente ascenderiam a duas dezenas de pessoas, que conviria congregar debaixo do amparo espiritual de um pequeno templo, em muitas ocasiões curado por um clérigo da família patronal.

Neste contexto, e não obstante a pressão exercida pelos mosteiros mais influentes da região como Bustelo e Pombeiro, é com certa naturalidade que se constata, através das inquirições de 1258, que a igreja de *Sancte Marine de Lodaes* andava na posse de *Militum et herdatorum*, ou seja, de cavaleiros (que a documentação não identifica) e de um conjunto de proprietários livres, herdeiros dos fundadores do templo. Embora as inquirições não identifiquem que linhagem nobre detinha a igreja de Lodaes em compadroado com os herdeiros, converge-se na hipótese de se tratar da estirpe de Martim Peres *Leitom*, de onde provêm os *Leitões* medievais².

Martim Peres “Leitão” era senhor da honra de Lodaes, território isento do tributo régio, onde o mordomo do rei não tinha autoridade para entrar e cobrar. Nesta honra, o distinto prócere, possuía a sua *quintã*, solar medieval desta família. Por deter

esta condição de fidalgo, honrava ou protegia dezasseis casais em Lodaes, sendo nove do mosteiro de Bustelo e cinco da igreja da freguesia, doados, muito provavelmente ainda em vida, e ainda mais dois casais que mantinha em sua posse.

Não sendo possível perceber de que forma obteve parte do padroado da igreja, podemos, contudo, admitir que usasse de meios ilícitos e até de violência, tal como fizera em relação aos herdeiros padroeiros da igreja de São Miguel de Lousada, conforme vem detalhadamente descrito nas inquirições. Para Lodaes é muito provável que a parte detida pelos herdeiros fosse muito dificilmente mantida perante o poder social e económico de Martim Peres e da sua descendência. Cremos, portanto, que esta linhagem mantivesse o padroado da igreja até meados do século XVI, como se verifica através da análise do *Censual do Cabido do Porto*. Poucos anos depois, em 1563, assiste-se a uma primeira tentativa de tomada de posse da igreja por parte do mosteiro de Cete. Esta intenção estará certamente relacionada com o facto de haver uma ligação espiritual e, possivelmente, material entre estes *Leitões* e aquele mosteiro. Atente-se que Teresa Rodrigues de Urró, mulher de Martim Peres, se fez sepultar em Cete, legando bens para esse propósito³.

Será nesta altura que surgirá um longo litígio entre o Colégio da Graça de Coimbra, instituição que incorporará os bens do

¹Portugaliae Monumenta Historica. Diplomata et Chartae. Doc. n.º 420.

²Veja-se a este título *Portugaliae Monumenta Historica. Inquisitiones*, vol. I, p. 547; LOPES, Teixeira – *Lousada e as suas freguesias na Idade Média*. Lousada: CML, 2004, p. 225; As principais obras de genealogia GAYO, Felgueiras – *Nobiliário de famílias de Portugal*. Tomo XVII. Braga: Oficinas Gráficas da “Pax”, 1939, p. 35; MORAIS, Alão – *Pedatura Lusitana*. 6.º Tomo, Vol. II. Porto: Livraria Fernando Machado, 1943, p. 136; E estudos mais recentes sobre a aristocracia medieval VENTURA, Leontina – *A nobreza de corte de Afonso III*. Vol. II. Coimbra: FLUC, 1992, p. 609; SOVERAL, Manuel Abranches de – *Leitão - Linha ascendente dos senhores do paço da Torre de Figueiredo das Donas*, 1999. Disponível em <http://www.soveral.info/mas/Leitao.htm> a 11.12.2019.

³MOURA, Soares de – *Lousada Antiga*. 2.ª parte. Lousada: Ed. Autor, 2009, p. 269 e ss.



FIGURA 1
Igreja de Santa
Marinha de Lodaes



FIGURA 2 Peanha do púlpito da igreja de Lodares

mosteiro de Cete, e o bispo da diocese do Porto. Ainda que esta ação tenha perdido na justiça eclesiástica até 1620, as querelas ter-se-ão mantido posterior-

mente, levando a uma situação que aparenta compromisso entre as partes e que é a que vemos refletida nesta *Memória Paroquial*, em que o padroado fica repartido pela Santa Sé, pelo bispo do Porto e pelo Colégio da Graça, conforme os meses de vacatura.

1.2. A Igreja

A Igreja de Lodares constitui um exemplo característico de um templo de fundação particular, que enraíza a sua origem na plena Idade Média. Todavia, desse período não restam vestígios preservados na arquitetura que atualmente exhibe. Com efeito, a obra que se pode observar decorre de um processo de ampliação e reabilitação da igreja desenvolvido no ano de 1952. Dessa remodelação destaca-se o pórtico em granito, de linhas retilíneas, que avança além do perfil da fachada ocidental, e a torre sineira elevada em cantaria rústica, num diálogo algo dissonante entre progressismo e conservadorismo.

No entanto, até à época desta última intervenção, a conservação do edifício, associada ao aumento da população e às alterações da liturgia, determinaram inevitáveis ampliações e reformas do edifício ao longo dos séculos⁴. A primeira evidência destas sucessivas obras encontra-se gravada na peanha do púlpito, revelando o ano de 1689, correspondente a um destes momentos de remodelação construtiva da nave. Globalmente, a planta da nave atual não terá sofrido grandes alterações de então para cá, podendo ainda observar-se o portal sul, em arco de volta inteira, introdução tar-

⁴Os testemunhos que nos chegaram dessas intervenções são essencialmente documentos epigráficos que já tratamos em CARDOSO, Cristiano e SOUSA, Luís – “Catálogo epigráfico de Lousada: primeiros resultados”, in *Oppidum*, Ano 9, N.º 8. Lousada: CML, 2015, pp. 106 e 107.



FIGURA 3 Lintel com cartela contendo gravada a inscrição REFORMADA EM 1815

dia de uma possível reminiscência tardo-românica. Pouco mais de um século depois, regista-se outro momento de intervenção na igreja, que se terá concentrado, primordialmente, na renovação da fachada e na reorganização da espacialidade interior. Desta fase conserva-se um lintel com cartela epigrafada no jardim da residência paroquial que assinala a reforma realizada no ano de 1815.

Por último, na sacristia da igreja, encontra-se uma fonte e lavatório com a inscrição a mencionar o ano de 1908, revelando uma intervenção que terá ocorrido nessa altura.

2. MEMÓRIA PAROQUIAL DE LODARES: TRANSCRIÇÃO

Excelentissimo Reverendissimo Senhor. O que tenho a dizer aos enterragatorios conforme a ordem de Vossa Excelencia hé o seguinte:

1. Esta freguezia de **Santa Marinha de Lodares**, está assituada na Provincia de Entre Douro e Minho, comarca de Penafiel e bispado do Porto, e termo da villa de Barcellos. **2.** São padroeiros desta freguezia, alternativamente, Sua Santidade e o Senhor Bispo e os Relligiozos Graça do Convento Cete. **3.** Esta freguezia tem cento e dez fogos, e trezentas e noventa e cete pessoas maiores e menores. **4.** Está assituada esta freguezia dentro no limites da Ribeira Souza, e della se descobre a povoação da villa de Arrifana de Souza, que fica distante meia legoa. **5.** Nam tem termo seu proprio, pertence ao concelho de Louzada, que hé do sobredito termo de Barcellos. **6.** Esta igreja está a meio da freguezia, ainda que ce parada dos lugares, em pouca distancia. E tem quinze aldeias, a saber, Lodares, Solheira, Perpê, e Johia, Souza, Souto, Ribeiro, Mellote, Pouzada, Bacello, Prazeres, Quintanes, Villar, Roupas, Siqueiros, Pontinhas e Boussó, Lama. **7.** Orago desta freguezia hé Santa Marinha de Lodares. Tem coatro altares, a saber, o altar mor aonde está o Sacratio do Santissimo Sacramento, aonde está também collocada a mesma imagem de Santa Marinha, Sam Lazoro e Sam Caitano. E tem o altar de Nossa Senhora das Neves, aonde está collocada também Santa Anna e Santa Luizia. E tem também tem o altar do Menino Jezus, aonde está

também collocado Santo Antonio e Sam Sebastiam. E tem também o altar das Almas, com sua irmandade das mesmas Almas, aonde está também colocada hua imagem de Christo Crucificado. 8. O parcho desta freguezia hé abade e de presente está suspenço. E tem encomendado e apresentação da igreja hé dos padroeiros nomeados no segundo do enterrogatorio. Poderá render, pouco mais ou menos este beneficio, quinhentos mil reis. 9. Tem três beneficiados simples que são huns cavaleiratos, que se tiraram em huma renuncia que se fez deste beneficio, dos coais hum hé o reverendo prior de Sudefeita, que consta o seu cavaleirato de secenta mil reis. E tem o Padre Christovam da Silva Leam, assistente na mesma freguezia, outro cavaleirato de carenta mil reis. E o padre Ancelmo, outro cavaleirato de vinte mil reis. 10. Não tenho que responder a este enterrogatorio, por nam haver nada no que nelle se contém. 11. Nem também tenho que responder ao undessimo. 12. Nem também de duodessimo. 13. Tem esta freguezia huma capella ou irmida de Santa Izabel. Está esta situada logo ao mesmo lugar de Lodares, e pertence à mesma freguezia. 14. A esta irmida acodem alguns clamores de preciçois em o dia mesma Santa, e em dia de Santo Antonio. 15. Os frutos desta terra hé milho e milham e senteio e bastante vinho verde. 16. Esta freguezia hé da jurisdissam do juiz ordinario e camera do concelho de Louzada, que hé sugeito ao ouvidor da villa de Barcellos. 17. Nam tenho que responder neste enterrogatorio decimo setimo. 18. Nam há memoria, nem consta nos homens que houvesse nesta freguezia pessoas insignes, nem em Letras, nem em Armas. 19. Nam tem feira de nenhuma coalidade. 20. Não tem correio, e mais proximo que mais se valle hé o da villa de Arrifana de Souza, que dista desta freguezia meia legoa. Este correio chega ao Domingo, pellas onze oras, e parte à Sesta Feira de manhã. 21. Dista esta freguezia da cidade do Porto, capital deste Bispado, seis legoas e da de Lisboa, capital deste Reino, secenta, pouco mais ou menos. 22. Esta freguezia e juntamente todo o concelho de Louzada, a que hé sugeita, logra os privilegios da Serenissima Caza de Bragança. 23. Nam tenho que diga a este interrogatorio, por não haver nesta freguezia o contheudo no dito interrogatorio. 24. Nem também tenho que responder a este interrogatorio vigessimo coarto. 25. Nem também tenho que dizer a este vigessimo quinto. 26. Nem também tenho que dizer a este vigessimo sexto. 27. Nem também a este vigessimo sétimo. Nam tenho que responder aos interrogatorios da serra, por não haver serra no destrito desta freguezia. Resposta a respeito dos rios. 1. Pella devizam desta freguezia passa hum rio que chama o rio Souza, pella parte do Sul, e me consta que nasse em hum sitio que chamam Margaride. 2. Hé de homilde nascimento, e todo o anno corre, ainda que em tempo de Veram muito froixo. 3. Primeiramente nelle entra outro regato pequeno, a que chamam Mezio, o coal regato também passa pella divizão desta freguezia, pella parte do Norte, e este se encorpora no dito rio

Souza, a hum sitio a que chamam Souzelinha. 4. Nenhum destes rios hé navegavel, nem são capazes de embarçaoies. E o curso delles hé quieto em toda a distancia. 5. Nada. 6. O sobredito rio Souza tem o seu curso da parte do Nacente para a do Poente, e o Mezio da parte do Norte para o Sul. 7. Ambos estes rios criam peixes meudos como são vogas e barbos e alguns escallos, trutas. 8. Em todo o anno se pesca nos ditos rios e as pescarias são livres. 9. São livres e não há nelles pesqueiras particulares. 10. As margens deste rio se cultivam e tem varias arvores de vinho verde. 11. Nam tem virtude particular as suas agoas. 12. Consta-me que estes rios, em todas as partes, conserva o mesmo nome sem haver memoria de contrario. 13. Este rio Souza morre em outro rio, que chama Douro, em o sitio que chamam a Souza. 14. Estes rios tem assudas e levadas em varias partes, por cuja rezão podiam ser navegaveis, que inda que não tiveram, não podiam admetir navegaçoes pella a parvidade das agoas, principalmente no tempo de Verão. 15. Em o rio Souza, no sitio desta freguezia tem hum passadisso de pedra, no lugar que chamam Souza. E o rio Mezio, em lugar que chamam Siqueiros, tem outro passadisso de Pedra, em modo de ponte. 16. Em o sobredito sitio de Souza, tem o mesmo rio Souza, duas rodas de muinhos, e não tem pizoines, nem noras. Tem hum lagar de azeite, em hum sitio que chama Lama, que moi com gado. 17. Nam consta que nestes rios sobreditos em algum tempo se tirasse ouro. 18. O uso das agoas destes rios, cada pessoa na sua testada hé livre, ainda que por cauza dos danos que com o uzo dellas se faz aos mais vizinhos, alguns vezes se paga alguma penção ou quando o uso deles se vende a outros vezinhos, para as poder extrahir inquam por estes vezinhos, ao nam poderem extrahir nas suas testadas. 19. Este rio Souza, pouco mais ou menos, poderá ter seis legoas, do nacimiento até a corporação no Douro, e não me consta que passe por povoaçoes grandes, só por campos, montes e aldeias parvas. 20. Nam tenho notissia de couza mais alguma notavel, de que possa dar notissia, mais do que o contheudo nas respostas dos interrogatorios supra, conforme a experiencia e notissia que tenho. Lodares de Abril 15 de 1758. Subdito de Vossa Excelencia Reverendissima, o encomendado Manoel Nunes da Rocha⁵.

3. PATRIMÓNIO E TOPONÍMIA

3.1 Património

3.1.1 Ermida de Santa Isabel

A ermida de Santa Isabel ergue-se numa ligeira elevação bem próximo de um cruzamento de caminhos ancestrais. É o centro da habitual festa, consagrando um pequeno largo e o próprio lugar. O edificio atual data de princípios do século XVIII, contudo a existência desta ermida já vinha documentada em 1623, no *Catálogo dos Bispos do Porto*, evidenciando a antiguidade do culto à rainha-santa⁶. Seria um templo mais modesto por esta época, con-



FIGURA 4 Capela de Santa Isabel. Perspetiva obtida de sudeste

tudo, a afluência de devotos e as esmolas terão propiciado a sua remodelação e ampliação, garantindo maior dignidade ao culto. Nas *Memórias Paroquiais* de 1758 surge como a única ermida existente na freguesia de Lodares, sendo considerada pública. O pároco memorialista refere que a ela “*acodem alguns clamores de incursões em o dia da mesma Santa e em dia de Santo António*”. Analisando a sua arquitetura sobressai a profunda simplicidade e austeridade exibida, somente quebrada pela robustez dos cunhais e pela inserção de um óculo. Apresenta uma só nave em cantaria rebocada e pintada de branco, excetuando o pano da fachada principal que foi revestida de azulejos numa fase posterior. A empena é rematada por uma cruz assente numa base artística e o entablamento é encimado por pirâmides. O alçado esquerdo apresenta duas frestas, uma vertical na zona do altar-mor e outra colocada horizontalmente ao nível do friso do entablamento.

⁵IAN/TT, *Memórias Paroquiais*, vol. 21, memória 102, fls. 1009-1016; CAPELA, José Viriato; MATOS, Henrique; BORRALHEIRO, Rogério – *As freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património*. Braga: Ed. Autor, 2009, pp. 310-311.

⁶CUNHA, Rodrigo da [D.] – *Catálogo dos Bispos do Porto*. 2.ª impressão adicionada. Porto: Oficina Prototypa, 1742, p. 265.

⁷MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2.ª ed., Vol. II. Lisboa: Livros Horizonte/Confluência, 1967, p. 835.

⁸PEIXOTO, Francisco A. – “Louzada, sua origem e antiguidades”, in *Jornal de Louzada*, ano VII, n.º 359, 17.05.1914, p. 1.

⁹MOURA, Augusto Soares de – *Lousada Antiga. Das origens à Primeira República*, 2.ª parte, Das Freguesias, 2009, p. 280.

¹⁰MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, Vol. II, p. 976.

¹¹*Idem*, Vol. III, p. 1207.

¹²*Idem, ibidem*, p. 1210.

¹³*Idem, ibidem*, p. 1211.

¹⁴FERNANDES, Maria Alice; CARDEIRA, Esperança – “Notas sobre toponímia portuguesa medieval”, in *Monografia 11*, Revista Galega de Filoloxía. A Coruña: Universidade da Coruña, p. 156.

¹⁵PIEL, Joseph M. – “Os nomes germânicos na toponímia portuguesa”, in *Boletim de Filologia*, tomo VI, fascículos 1-2. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1939, p. 85.

¹⁶MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, Vol. III, p. 1333.

¹⁷*Idem, ibidem*, p. 1362.

¹⁸*Idem, ibidem*, p. 1367.

¹⁹*Idem, ibidem*.

3.2 TOPONÍMIA

Denominação (antiga-1758/actual)	Nota etimológica/Referências bibliográficas/Observações
<i>Bacello/Bacelo</i>	Campo agrícola ocupado por videiras. Pequena vinha, usualmente nova.
<i>Boussó</i>	Terra inculta, imprópria para uma atividade agrícola extensiva. Poderá também revelar local onde se recolhem matos para a cama dos animais e lenha.
<i>Johia/Júia</i>	Topónimo derivado de judia. Tem uma expressão muito reduzida em Portugal, estando somente representado em Caminha e em Lousada. Parece indicar uma propriedade ou que uma habitante do local era judia ⁷ .
<i>Lama</i>	Topónimo frequente no norte de Portugal e Galiza. Do singular feminino lama, este do latim <i>lama</i> , de provável origem pré-celta. Aqui deverá relacionar-se com área onde abundam as águas, que tornam pesadas as terras agrícolas.
<i>Lodares</i>	Este topónimo tem suscitado diversas interpretações. Sem a exaustividade que o étimo merece, salientaremos somente duas das mais relevantes e antagónicas considerações. Francisco A. Peixoto anotou ser Lodares o plural de «lodal», lugar arborizado de lódaos ⁸ . Outra significação passa por atribuir uma origem germânica, radicando na forma « <i>Lotares</i> », pois que na língua portuguesa notamos comumente o «t» dar origem ao «d». Neste sentido, é crível poder-se considerar ter havido a deturpação do termo « <i>Lotarius</i> », um antropónimo que nos remete para um primitivo povoador da freguesia, na tardo-antiguidade.
<i>Mellote/Melonte/Melote</i>	Do latim <i>merūla-</i> , « <i>melrō</i> ». Melote, diminutivo de Melo[?]. Melonte é originário do antropónimo grego <i>Mellōn</i> ⁹ .
<i>Perpê</i>	Origem desconhecida.
<i>Pontinhas</i>	Topónimo muito frequente. Diminutivo do singular feminino « <i>ponte</i> ».
<i>Pouzada/Pousada</i>	Do latim <i>pausata</i> , de <i>pausāre</i> . Associado a uma instituição medieval, espécie de albergaria ¹⁰ .
<i>Prazeres</i>	Topónimo por associação a um dos epítetos de Nossa Senhora ¹² . Surge sobretudo quando constatada uma igreja no local sob a invocação de N. Senhora dos Prazeres ¹³ . Não é o caso de Lodares, cuja igreja é de invocação a Santa Marinha, pelo que este topónimo aqui terá um outro sentido, de todo por ora difícil de divisar.
<i>Quintanes/Quintans</i>	Propriedade usualmente murada ou cercada de muros ou sebes, tendo como principais aptidões a agricultura de sementeira e a vitivinicultura. Compõe-se ainda de casa de habitação e de unidades de apoio à atividade agrícola. Em Portugal parece fixar-se na toponímia durante os séculos IX e XI ¹⁴ .
<i>Ribeiro</i>	Do ponto de vista etimológico vem do latim « <i>riparius</i> ». Em Lodares tem este topónimo origem pela proximidade do lugar a um pequeno regato afluente do rio Sousa que atravessa a freguesia, com nascente no lugar do Cruzeiro, em Nespereira, passando até desaguar no Sousa pelos lugares de Pousada e Souto. Topónimo indicativo da presença de um curso de água de pequena expressão.
<i>Roupar</i>	Trata-se de um genitivo frequente no onomástico medieval. Não se encontra, todavia, documentado como raiz de nomes germânicos. Este topónimo do ponto de vista etimológico terá uma origem no gótico ROUPA, que significa « <i>botim</i> », « <i>vestido</i> », que entrou também no vocabulário português como nome comum: ROUPA ¹⁵ .
<i>Siqueiros/Sequeiros</i>	Uma das formas mais arcaicas que terá dado origem a Sequeiros é a expressão « <i>Sacarias</i> »[?] ¹⁶ . É provável que possa relacionar-se com uma zona de favoráveis condições para a secagem de cereal.
<i>Solheira</i>	Variante de Soalheira[?] ¹⁷ . No « <i>Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa</i> », de José Pedro Machado, nada mais é adiantado. Parece tratar-se de um local de boa exposição solar, « <i>batido</i> » ao Sol na expressão popular.
<i>Souto</i>	Paisagem abundante de castanheiros.
<i>Souza/Sousa</i>	Topónimo frequente. Uma das formas mais antigas é representada pelo vocábulo <i>Sausa</i> ¹⁸ . Denomina uma propriedade junto ao rio Sousa, curso fluvial que em Lodares demarca o concelho de Lousada, do concelho de Penafiel.
<i>Villar/Vilar</i>	Topónimo com grande representatividade no Norte de Portugal e na Galiza [Espanha], sob a forma simples e sob a forma composta. Do singular feminino Vilar. Para apontar a origem etimológica deste topónimo José Pedro Machado socorre-se de Leite de Vasconcelos [Etnog. II, p. 379] dizendo que é “ <i>parte de vila, que foi concedida pelo proprietário a clientes ou a servos para a exploração agrícola</i> ” ¹⁹ .